

Apresentação

[Presentation]

REVISTA
comp **política**

revista compolítica

2020, vol. 10(3)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2020.10.3.514

 Open Access Journal

Emerson Urizzi Cervi

Universidade Federal do Paraná
[Federal University of Paraná]

Ricardo Fabrino Mendonça

Universidade Federal de Minas Gerais
[Federal University of Minas Gerais]

Viktor Chagas

Universidade Federal Fluminense
[Fluminense Federal University]

Apresentação

Emerson Urizzi CERVI
Ricardo Fabrino MENDONÇA
Viktor CHAGAS

Nesses duros tempos de pandemia e isolamento social, a comunicação política continua a mostrar sua relevância para a compreensão do cotidiano. Há um conjunto de estudos em andamento na área, que procura investigar com mais apuro a comunicação governamental, a transparência dos dados públicos apresentados pelos agentes do Estado e a atuação da imprensa e da sociedade civil no presente contexto. Debates sobre desinformação, comunicação pública, e também sobre as campanhas municipais – porque, afinal, este também foi um ano eleitoral – fizeram-se marcantes em muitos dos circuitos de congressos científicos em que pesquisadores atuantes na Comunicação Política estiveram presentes.

A terceira edição de 2020 da Revista Compolítica revisita temas e perspectivas teóricas caras à área, a partir da análise de acontecimentos recentes e de acontecimentos que não se desenrolaram, como as Olimpíadas de Tóquio, adiadas em virtude da pandemia de Covid-19 neste ano. Ao todo, são seis artigos inéditos, uma entrevista e duas resenhas de lançamentos de livros de interesse para a área.

O artigo de Cristiane Brum Bernardes (Cefor) discute o uso do Twitter por parte dos parlamentares das assembleias legislativas estaduais da Região Sudeste do Brasil. A análise empírica, baseada em uma abordagem lexical, conclui que a comunicação prevalecente entre esses atores e o público se concentra na divulgação da agenda dos políticos, com vistas a informar os cidadãos sobre suas atividades.

Carla Montuori Fernandes (Unip), Luiz Ademir de Oliveira (UFJF), Mayra Regina Coimbra (UFJF) e Vinícius Borges (Unip) analisam as entrevistas realizadas pelo Jornal Nacional com os principais candidatos nas eleições presidenciais de 2018. A partir de uma análise de conteúdo sobre essas sabatinas, os autores comentam a postura “inquisidora” dos jornalistas e o ambiente de descrédito às instituições políticas de que se

alimenta o telejornal, que acaba por se apresentar como uma espécie de poder moderador, acima das demais instituições.

O artigo de Dilvan Azevedo (UFBA) também reflete sobre as eleições de 2018, mas sob a perspectiva da hipótese do *efeito de terceira pessoa* (ETP). O autor apresenta os dados de um *survey* com eleitores selecionados a partir de grupos de WhatsApp. Os resultados confirmam os principais postulados teóricos relacionados ao ETP, isto é, que os indivíduos acreditam que os conteúdos informativos de modo geral têm mais influência sobre a decisão do voto de outras pessoas do que sobre a sua própria, além de outros aspectos secundários que influenciam o debate, como a escolaridade e a distância social.

Gisele Pimenta de Oliveira (UnB) e Nelia Rodrigues Del Bianco (UnB/UFMG) discutem os editoriais de três grandes jornais impressos nacionais, que tratam especificamente da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), entre 2007 e 2018. As autoras observam que, embora a operação de rádios e TVs públicas esteja prevista pela Constituição Federal de 1988 a partir do princípio de complementaridade entre os serviços privado, público e estatal de radiodifusão, a cobertura sobre a mídia pública, no país, é predominantemente negativa. As autoras avaliam, ainda, que a EBC “não foi capaz de oferecer um contrapeso à mídia comercial”, o que acaba por contribuir para sustentar os questionamentos à própria legitimidade da radiodifusão pública de modo geral.

No artigo de Felipe Adam (PUC-RS) e Sérgio Luiz Gadini (UEPG), são analisadas três obras biográficas escritas por jornalistas brasileiros sobre os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff e Jair Bolsonaro. Os autores discutem os enquadramentos conferidos às personagens, que acabam por não abordar contradições ou aspectos mais complexos da trajetória dessas personalidades, favorecendo uma imagem plana e linear dos biografados.

Finalmente, Mayara Araujo (UFF) e Alana Oliveira (Eceme) abordam o modo como a imagem do Japão vem sendo arquitetada internacionalmente a partir da ótica de *um soft power*, formulado sobretudo, mas não apenas, no contexto das Olimpíadas de 2021, a serem sediadas em Tóquio. As autoras colocam em debate a campanha *Cool Japan* que procura reposicionar a imagem do país diante do cenário internacional.

Nos extras publicados nesta edição, Gabriella Haubner (UFMG) entrevista o professor de Estudos de Media e Comunicação na Universidade de Mannheim (Alemanha) Hartmut Wessler. Wessler é uma das principais autoridades a trabalhar sob a perspectiva da teoria deliberativa com estudos comparados entre diferentes países e contextos. Na entrevista, Haubner e Wessler conversam sobre diferentes temas, das pesquisas deste último a respeito da cobertura noticiosa sobre eventos globais sobre questões climáticas ao papel das imagens e das emoções no recrudescimento de lideranças populistas e autoritárias na última década.

Para encerrar a edição, Nina Santos (UFBA) apresenta uma resenha do livro “Post-truth, fake news and democracy. Mapping the politics of falsehood”, de Johan Farkas e Jannick Schou, em que os autores deslocam o debate sobre *fake news* e pós-verdade para um questionamento sobre a noção de democracia que fundamenta esses conceitos. A segunda resenha deste número é escrita por Luiz Eduardo Garcia da Silva (PUC-RS), que discute a obra “O Progressista de Ontem e o do Amanhã: Desafios da Democracia Liberal no Mundo Pós-Políticas Identitárias”, de Mark Lilla. O livro critica a política identitária assumida, nos últimos anos, por setores do Partido Democrata nos Estados Unidos, que têm gerado como efeito, segundo ele, o enfraquecimento dos progressistas nos pleitos mais recentes.

Os temas são diversos e as perspectivas, múltiplas. Esperamos que os trabalhos inspirem os colegas no fim deste ano que não termina. Desejamos a todas as pesquisadoras e aos pesquisadores da comunidade de comunicação e política um fim de ano tranquilo e restaurador. Que todos e todas tenham um 2021 repleto de saúde e força.

Boa leitura!